

## IMPLÍCITO E NÃO DITO NO GÊNERO BLOG: O CASO DO *BLOGS DO ALÉM*<sup>1</sup>

André Luiz Silva – CEFET-MG<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com base na Teoria da Argumentação (DUCROT, 1987), este artigo analisa a presença/ausência do posto, pressuposto e subentendido no *Blogs do Além*, de Vitor Knijnik. A ideia é perceber o modo como o autor joga com os enunciados e, dessa maneira, constrói sua estratégia discursiva. Metodologicamente, analisou-se três textos – (i) Blog do Charles Miller, (ii) Blog do Gagarin e (iii) Blog do Orwell – tentando não só enquadrar os enunciados segundo as noções de posto, pressuposto e subentendido, mas também compreender de que maneira Knijnik usa tais artifícios para construir seu discurso. Ao utilizar-se do pressuposto, o autor coloca o leitor em uma posição de cúmplice, isto é, ele deve reconhecer e aceitar o enunciado, pois este está no âmbito do “nós”. Doutro modo, usando o subentendido, ele transfere para seu interlocutor a responsabilidade de interpretar o enunciado – âmbito do “tu”.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Blog. Posto. Pressuposto. Subentendido.

### INTRODUÇÃO

Sob a tríade posto, pressuposto e subentendido – proposta por Ducrot (1987) –, este artigo se propõe a analisar os enunciados presentes em textos publicados no site *Blogs do Além*<sup>3</sup>, do publicitário, blogueiro e colunista Vitor Knijnik. A ideia é tentar perceber o modo como o autor joga com os enunciados e, dessa maneira, constrói sua estratégia discursiva. Inevitavelmente, discussões a respeito da noção de gênero<sup>4</sup> vão perpassar a trilha metodológica aqui escolhida.

Como *corpus*, opta-se por analisar três textos: (i) Blog do Charles Miller, (ii) Blog do Gagarin e (iii) Blog do Orwell. Tais escolhas se deram com o intuito de diversificar as pessoas a quem os textos se referem – difusor do futebol no Brasil, astronauta e escritor, respectivamente. Assim, acredita-se ser possível tecer considerações sobre a estratégia discursiva do autor.

Este trabalho é um estudo de caso, isto é, uma investigação empírica cujo objetivo é compreender e fixar limites entre o fenômeno e o contexto em que ele se apresenta, conforme conceitua Yin (2005).

Para fins procedimentais do trabalho, a ideia é analisar os três textos em questão tentando não só enquadrar os enunciados segundo os elementos da Teoria da Argumentação (posto, pressuposto e subentendido), mas também compreender de que maneira Knijnik usa tais artifícios para construir seu discurso. Para isso, será necessário, durante as análises, comparar os três textos selecionados.

---

<sup>1</sup> X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online – junho/2013 – <http://evidosol.textolivre.org>.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação de Estudos em Linguagens do CEFET-MG. É pós-graduado em Revisão de Textos e graduado em Jornalismo. Atualmente, realiza pesquisa sobre Análise do Discurso e telejornalismo. É pesquisador do Centro de Apoio a Pesquisas sobre Televisão (CAPTE) do CEFET-MG.

<sup>3</sup> Os mesmos textos são, semanalmente, publicados na revista *CartaCapital*.

<sup>4</sup> Segundo Bakhtin (2000, p. 262), gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Este artigo está dividido em quatro partes: na primeira, busca-se conceituar o estudo de caso como modalidade de pesquisa; posteriormente, a segunda parte está subdividida em quatro fragmentos, os quais vão apresentar e discutir a fundamentação teórica do artigo; a terceira parte apresenta a análise dos textos; e, por fim, a última parte se refere às considerações finais do trabalho.

## 1 UM POUCO DE TEORIA

### 1.1 Definindo gênero

De acordo com a clássica definição sobre gênero, cunhada por Mikhail Bakhtin ainda no início do século XX, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais se denominam gêneros do discurso. Esses estariam divididos em primários/simples (bate-papo, carta etc.) e secundários/complexos (romances, pesquisas científicas etc.).

Ainda de acordo com Bakhtin, o estudo da diversidade de formas de gêneros nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância, pois todo trabalho de investigação de um material linguístico opera com enunciados concretos (escritos e orais). O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação com outros gêneros dos discursos redundam em equívocos e na deformação da investigação.

Dessa maneira, este artigo se propõe a apresentar e a discutir o que vem a ser o gênero blog, uma vez que o site *Blogs do Além* se autodenomina como pertencente a esse gênero. A ideia, contudo, não é tentar enquadrar os textos de Vitor Knijnik, mas, conforme a advertência de Bakhtin (2000), compreender o enunciado estudado e, desse modo, tecer algumas considerações sobre a estratégia discursiva do autor acerca da presença/ausência do posto, pressuposto e do subentendido – noções teorizadas por Ducrot (1987).

### 1.2 O blog e suas particularidades

Criado em 1999, por Evan Williams, o blog ou weblog – “arquivo na rede” na tradução para o português –, tornou-se um sucesso na rede mundial de computadores. Dois motivos, especificamente, foram precípuos para o deslanchar dos blogs na internet: (i) a facilidade de manuseio (atualização, manutenção e edição) dos textos e (ii) a gratuidade da ferramenta.

Segundo Komesu (2005, p. 110-111), outro atributo característico do meio é “a convivência de múltiplas semioses, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente).”

O fato de ser um gênero oriundo das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) faz com que o blog apresente particularidades do meio digital, como o uso de hiperlinks e a interatividade, que se dá por meio dos comentários. “[...] um visitante pode deixar registrado – na sessão comentários – o que achou da postagem e até mesmo impressões sobre a pessoa do blogueiro em questão; nesse aspecto o blog se revela bastante interativo” (SILVA, 2006, p. 6).

Apesar de serem frequentemente comparados a diários pessoais na rede, atualmente, os blogs abrangem um sem-número de assuntos. Conforme especifica o software Blogger – a primeira ferramenta de criação de blogs no Brasil –, o conteúdo vai desde diários e piadas até notícias, poesia, entre outros.

Komesu (2005) explica que a popularização dos blogs<sup>5</sup> se deu a partir da produção dos diários virtuais, mas que esse não era, a princípio, seu objetivo. Além disso, Silva (2006, p. 6) diz que diários íntimos e blogs se divergem em relação ao seu objetivo de comunicação. Enquanto o primeiro é utilizado como um meio de desabafo, em que o próprio diário faz as vezes de interlocutor, o segundo tem por intuito ganhar a rede, tornar-se público: “[...] há um anseio de que todos leiam, quanto mais lido e comentários registrados tiver, mais o blogueiro sente-se motivado a continuar postando.”

Em relação à linguagem e à estrutura, o blog se mostra um gênero simples. Na maioria dos casos, usa-se uma linguagem informal em razão da necessidade de se publicar os textos com maior rapidez. A estrutura do blog é, invariavelmente, da postagem mais recente para a mais antiga, e sempre com o horário e o dia da publicação determinados.

### 1.3 Blogs do Além

Criado e mantido pelo publicitário, blogueiro e colunista Vitor Knijnik, o *Blogs do Além* é publicado semanalmente na revista *CartaCapital* e no site [www.blogsdoalem.com.br](http://www.blogsdoalem.com.br). A cada texto uma personalidade nacional ou mundial já falecida é, nas palavras do autor, “psicografada”: “[...] pode ser um grande gênio da humanidade ou um escroque completo. O critério é amplo. Na verdade, basta ser famoso e ter morrido. Nem humano precisa ser.” (KNIJNIK, [20--]).

Atualmente, o *Blogs do Além* já ultrapassa 150 personagens, dentro os quais há esportistas, cientistas, atores, pensadores, políticos, artistas etc. Alguns dos blogs, como o *Blog do Charles Miller* e o *Blog do Orwell* – objetos de pesquisa deste artigo –, foram criados em uma plataforma própria de blog ([www.blogspot.com](http://www.blogspot.com)). Outros, porém, como o *Blog do Gagarin* – também objeto deste estudo –, estão hospedados no próprio site do *Blogs do Além*.

### 1.4 Posto, pressuposto e subentendido

Uma importante contribuição para os estudos linguísticos, sobretudo para os campos da semântica e da pragmática, foi a noção de posto, pressuposto e subentendido, proposta por Ducrot (1987) em sua Teoria da Argumentação. Segundo o *Dicionário de análise do discurso* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), em linhas gerais, o posto está no âmbito do explícito, enquanto o pressuposto e o subentendido estão no campo do implícito.

Nesse sentido, a título de exemplificação, consideremos a frase a seguir: “João parou de beber”. O posto, isto é, o explícito da frase é o próprio enunciado. O pressuposto é a inferência feita a partir do posto: “ele bebia anteriormente”. Já o subentendido pode ser, neste caso, uma maneira indireta de incentivar outra pessoa a fazer o mesmo, ou seja, a deixar de beber.

De acordo com Ducrot (1987), o posto e o pressuposto<sup>6</sup> são estritamente literais, já o subentendido é alheio a essa literalidade, pois diz algo sem fazê-lo diretamente. “[...] o subentendido reivindica a possibilidade de estar ausente do próprio enunciado e de somente aparecer quando um ouvinte, num momento posterior, refletir sobre o referido enunciado.” (DUCROT, 1987, p. 20-21).

Dessa maneira, o posto se apresenta no momento da enunciação (presente), o subentendido emerge logo após o ato comunicativo (futuro) e é fruto do processo interpretativo do ouvinte, o pressuposto, por sua vez, se situa num dado anterior (passado),

<sup>5</sup> De acordo com a autora, em todo o mundo há cerca de um milhão de blogueiros.

<sup>6</sup> Embora esteja no âmbito do implícito.

compartilhado por ambos os interlocutores. “Em relação ao sistema dos pronomes poder-se-ia dizer que o pressuposto é apresentado como pertencendo ao ‘nós’, enquanto o posto é reivindicado pelo ‘eu’, e o subentendido é repassado ao ‘tu’.” (DUCROT, 1987, p. 20).

## 2 ANÁLISE

Entendida a noção de gênero, do gênero blog e suas particularidades, e do fragmento da Teoria da Argumentação de Ducrot (1987), passa-se, agora, para a análise do *Blogs do Além*. A ideia é tentar perceber como Knijnik *joga* com a noção de posto, pressuposto e subentendido, e, com isso, constrói sua estratégia discursiva, bem como molda o gênero e o próprio *Blogs do Além*.

### 2.1 Texto I: *Cronograma*

O *Blog do Charles Miller*<sup>7</sup> foi criado no site [www.blogspot.com](http://www.blogspot.com), uma plataforma gratuita específica para criar, manter e editar blogs. Um único texto, intitulado *Cronograma*, foi publicado desde a criação. Além da ferramenta própria para publicação de textos, no *Blog Charles Miller* há, também, outros elementos característicos do gênero blog: dia e horário de publicação – 29 de abril de 2010, às 22h20; personalização – o fundo da página é um gramado, lembrando um campo de futebol; foto de Charles Miller e desenho de uma bola de futebol ao lado do nome do blog.

O *Blog do Charles Miller*, como a maioria dos blogs, tem paratextos nos quais são apresentados o perfil do blogueiro – no caso, o próprio Miller –, e algumas informações a respeito do blog e do conteúdo ali publicado. Esses paratextos são característicos do gênero blog.

Do mesmo modo, o blog apresenta uma particularidade comum ao meio digital: a interatividade entre a instância produtora e a instância receptora. Há cinco comentários sobre o texto. Embora não sejam elementos de análise para este artigo, vale ressaltar que todos os comentários publicados são dirigidos a Charles Miller (enunciador) e não a Vitor Knijnik (sujeito falante). Isso mostra que os leitores entram no jogo discursivo proposto pelo autor empírico e atribuem o texto a Miller.

Há de se ressaltar, também, que o blog, desde a publicação do texto *Cronograma*, não foi mais atualizado, evidenciando que sua criação e seu uso se ativeram a uma necessidade momentânea. Pode-se perceber, com isso, uma subversão do gênero, uma vez que o blog se caracteriza pela frequente atualização.

Em relação à estrutura do texto, o blog se apresenta em forma de lista (ANEXO A), em que cada tópico se inicia com uma data, desde o dia 19/2/1894 até 8/3/1894. Essa estrutura pode, em certo sentido, aproximar-se da noção de diário pessoal, em que o escrevente, dia após dia, faz anotações sobre determinados assuntos.

Percebe-se, a respeito do conteúdo linguístico/discursivo, que Knijnik lança mão do pressuposto e do subentendido para composição do texto: “18/2/1894. Domingo, 16 horas, trago o futebol para o Brasil.” A partir desse enunciado é possível pressupor, com base no verbo “trago”, que antes não havia futebol no País. Do mesmo modo, ao colocar “Domingo, 16 horas” como o momento exato em que o esporte chega ao Brasil, o autor quer fazer crer que o futebol começou a ser praticado no mesmo dia da semana e horário em que hoje ocorrem as principais partidas do futebol brasileiro. Essa leitura possível está no nível do subentendido.

<sup>7</sup> Cf. <http://blogdocharlesmiller.blogspot.com.br>.

Em outro momento do texto, “28/2/1894. Desrespeito ao sistema de cadeiras numeradas.”, Knijnik pode querer dizer, no nível do subentendido, que aqueles que não respeitam a numeração das cadeiras deveriam fazê-lo. Além disso, no tópico “4/3/1894. Primeira convocação de um perna-de-pau para a Seleção com o objetivo de o mesmo ser logo negociado com algum clube europeu desavisado.”, o autor mostra por um lado (pressuposto) que anteriormente não haviam “pernas-de-pau” na Seleção e por outro (subentendido) que os atuais jogadores convocados não são bons ou não são merecedores de estar ali.

De maneira geral, no texto *Cronograma*, Knijnik usa o pressuposto e, sobretudo, o subentendido para expor e criticar a forma como o futebol é mal administrado no Brasil. E, frente a tantos problemas, o autor termina o texto reprovando a escolha do País como sede para a Copa do Mundo: “É. Acho que não vai dar tempo de aprontar tudo para a Copa de 2014.”

## 2.2 Texto II: *A terra está blues*

Diferentemente do *Blog do Charles Miller*, o *Blog do Gagarin*<sup>8</sup> não foi criado em uma plataforma específica de blogs; ele está hospedado no site do *Blogs do Além*. Apesar de ter elementos característicos dos blogs, como personalização, perfil do blogueiro e informações sobre o blog, não pode ser atualizado e editado de maneira ágil e simples. O fato de estar em um site faz com que seja necessária a presença de um especialista, um profissional que lance mão de seus conhecimentos de informática para editar a página.

Outra característica comum aos blogs e ausente do *Blog do Gagarin* é o dia e o horário de publicação do texto. A única marca temporal é o mês (abril) e o ano (2011). Do mesmo modo, não há sinais de interatividade no blog. Não é possível, por exemplo, comentar o texto ou se comunicar com o autor.

Assim como o *Blog do Charles Miller*, este tem apenas um texto publicado, “A terra está blues”. Isso mostra, como dito anteriormente, uma necessidade momentânea do autor em “psicografar” essa personalidade especificamente.

Em vez de uma estrutura em tópicos, o *Blog do Gagarin* é escrito de maneira tradicional, com paragrafação. Logo no início do texto, Knijnik escreve: “Copérnico já tinha melado nosso sonho de grandeza, de senhores do universo ao dizer que não era o Sol que girava em torno da Terra, mas sim o contrário.” Com isso, pode-se pressupor que, antes da descoberta de Copérnico, acreditava-se que o Sol girava em torno da Terra. Em se tratando do subentendido, o autor pode querer mostrar que conhece a história da ciência.

Em outro ponto do texto, “Mesmo estando no interior de uma cápsula apertadíssima, temendo por minha vida, já que tripulava uma nave construída pelo mesmo país que criou o Lada Niva [...]”, Knijnik, por meio do subentendido, põe em dúvida a segurança do carro russo.

Ao fim do texto, o autor mais uma vez lança mão do pressuposto e do subentendido: “Uma enxurrada de novas revelações seguirá golpeando com violência nossas ilusões. E como resposta a tudo isso, aumentaremos, ainda mais, o número de comédias românticas nas salas de cinema.” O verbo “seguirá” faz entender que antes outras “novas revelações” golpearam nossas ilusões. No caso do subentendido, vê-se que, para o autor, o número de comédias românticas está aumentando, pois as pessoas já não têm tantas ilusões.

---

<sup>8</sup> Cf. <http://www.blogsdoalem.com.br/gagarin>

### 2.3 Texto III: *Isso aí, meu irmão*

Criado no [www.blogspot.com](http://www.blogspot.com), o *Blog do Orwell*<sup>9</sup> tem todas as características dos blogs tradicionais, assim como o *Blog do Charles Miller*: dia e horário de publicação (20 de janeiro de 2010, às 18h33), personalização, elementos paratextuais (“sobre mim”, “sobre o blog”). Como “Cronograma”, o *Blog do Orwell* possui interatividade (comentários), mas, diferentemente do outro, aqui os leitores reconhecem Knijnik como o autor do texto: “Muito bom. Bom gosto e criatividade”. Outro detalhe sobre a interação é que ela ocorre não só do leitor para o autor, mas entre os leitores: “Débora: você não entendeu a piada, querida!”. Bem como os outros dois blogs analisados, este só possui uma publicação, *Isso aí, meu irmão*.

“[...] A Fazenda, que lembra muito meu outro livro, *Revolução dos Bichos*. Só que nesse segundo caso, o dono da fazenda é pastor e os porcos são representados por antas.” Nesse trecho do texto, Knijnik, ao associar o programa de TV “A fazenda”, o livro e as personagens de ambos, questiona a capacidade intelectual dos participantes do *reality show*. Tal compreensão está no nível do subentendido.

O pressuposto é evidente quando o autor escreve: “A sociedade brasileira continua oligárquica”. O verbo “continua” dá a ideia de que a sociedade era oligárquica anteriormente. Outra vez, o subentendido se mostra em: “[...] cada participante é um divulgador do regime. Do capitalista e das baixas calorias”. Um das possíveis interpretações está na crítica de Knijnik à cultura do dinheiro e do corpo.

## CONSIDERAÇÕES

A partir das similaridades e das distinções apresentadas pelos três textos analisados neste estudo de caso em relação a posto, pressuposto e subentendido, e às estratégias discursivas de Vitor Knijnik, há possibilidade de tecer algumas considerações sobre o *Blogs do Além*, mesmo sabendo dos riscos inerentes.

A respeito do gênero discursivo em questão, percebe-se um duplo movimento de aproximação e de distanciamento do gênero blog. De aproximação: escrita simples e, por vezes, didática<sup>10</sup>; particularidades comuns ao meio digital (interatividade, personalização, multimídia); marcas do tempo (dia e horário de publicação); presença de elementos paratextuais. De distanciamento: ausência de periodicidade e de atualização dos blogs; publicação em meio impresso – o fato de ser o mesmo texto publicado na revista *CartaCapital* faz com que se precise atender a uma série de requisitos (espaço/tamanho, relação com temas atuais, uso da norma culta).

Esse imbricamento resulta em um gênero em boa parte blog, mas com características, por exemplo, da crônica. Conforme explica Andrade (2004), a crônica tem uma relação muito estreita com o cotidiano. Isso é recorrente nos textos de Knijnik analisados por este trabalho. O *Blog do Charles Miller* se ancora na escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 e com a proximidade da Copa da África do Sul; o *Blog do Gagarin* relaciona-se ao advento das imagens da terra cedidas recentemente pela Agência Espacial Europeia; e o *Blog do Orwell* critica os *reality shows*, programas televisivos cada vez mais comuns na TV brasileira. Outra peculiaridade da crônica presente nos blogs é o modo como, de uma maneira aparentemente bem-humorada e descontraída, toca-se em temas delicados, sobretudo de crítica à sociedade.

Sobre posto, pressuposto e subentendido, pode-se perceber o modo como o autor constrói sua estratégia discursiva. Ao utilizar-se do pressuposto, Knijnik coloca o leitor em

<sup>9</sup> Cf. <http://blogdoorwell.blogspot.com.br>

<sup>10</sup> “[...] o chamado geoide, nome que os cientistas dão ao formato real do planeta [...]”. (*Blog do Gagarin*).

uma posição de cúmplice, isto é, ele deve reconhecer e aceitar o enunciado, pois este está no âmbito do “nós”. Doutra modo, usando o subentendido, o autor transfere para seu interlocutor a responsabilidade de interpretar o enunciado – âmbito do “tu”.

## REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de pesquisa*. Rio de Janeiro, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.
- ANDRADE, Maria Lúcia da C. O gênero crônica e a prática escolar. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 6, 2004, p. 267-279.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 257-306.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- DUCROT, Oswald. Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica lingüística. In: *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes Editores, 1987. Cap. 1, p. 13-30.
- GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996. p. 121-125.
- KNIJNIK, Vitor. *Blogs do Além*. Disponível em: <<http://www.blogsdoalem.com.br/pt/Default.aspx>>. Acesso em: 18 maio 2012.
- \_\_\_\_\_. Blog do Charles Miller. In: *Blogs do Além*. Disponível em: <<http://blogdocharlesmiller.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 maio 2012.
- \_\_\_\_\_. Blog do Gagarin. In: *Blogs do Além*. Disponível em: <<http://www.blogsdoalem.com.br/gagarin/>>. Acesso em: 17 maio 2012.
- \_\_\_\_\_. Blog do Orwell. In: *Blogs do Além*. Disponível em: <<http://blogdoorwell.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21 maio 2012.
- KOMESU, Fabiana. C. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 110-119.
- MARTINS, Gilberto de A. *Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso*. São Paulo: Atlas, 2000. p. 36-38.
- SILVA, Nívea Rohling da. Práticas de leitura: a utilização do blog em sala de aula. In: *Texto Digital*, Florianópolis, ano 2, n. 2, Dezembro 2006.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. p. 19-21; 29-38; 115-121.

## ANEXO A – BLOG DO CHARLES MILLER

### Cronograma

- 18/2/1894. Domingo, 16 horas, trago o futebol para o Brasil.
- 19/2/1894. Ao meio-dia, Ricardo Teixeira assume a CBF.
- 20/2/1894. Cambistas começam a vender ingressos a preços extorsivos ao redor dos estádios.
- 21/2/1894. Torcidas organizadas, com apoio da diretoria dos clubes, barbarizam nas arquibancadas e afastam as famílias do campo.
- 22/2/1894. Calendário que planeja e organiza os campeonatos é dispensado.
- 23/2/1894. Dívida dos clubes com a Previdência se torna impagável.
- 24/2/1894. Primeira compra formal de um juiz.
- 25/2/1894. Começa a venda de cachorro-quente frio e sem gosto e refrigerante quente e caro nos estádios.
- 26/2/1894. Inauguração do serviço compulsório de flanelinha.
- 27/2/1894. Implementação do sistema de cadeiras não numeradas.
- 28/2/1894. Mudança para o sistema de cadeiras numeradas.
- 28/2/1894. Desrespeito ao sistema de cadeiras numeradas.
- 1º/3/1894. Aparição de banheiros ultrajantes nos estádios.
- 2/3/1894. Lançamento de fórmulas de campeonatos regionais que não fazem sentido.
- 3/3/1894. Jogos do meio da semana mudam de horário, passam a ser mais tarde para que não atrapalhem a novela.
- 4/3/1894. Primeira convocação de um perna-de-pau para a Seleção com o objetivo de o mesmo ser logo negociado com algum clube europeu desavisado.
- 5/3/1894. Início do treinamento de técnicas de fazer cera para gandulas e maqueiros, quando time da casa está ganhando.
- 6/3/1894. Instituída a longa fila para comprar ingressos para jogos importantes, com direito a confusão, pancadaria e matéria na Tevê.
- 7/3/1894. Falência completa dos principais clubes.
- 8/3/1894. Governo cria Timemania para socorrer os cartolas.
- É. Acho que não vai dar tempo de aprontar tudo para a Copa de 2014.

## ANEXO B – BLOG DO GAGARIN

### A terra está blues

Não sei se vocês viram essas imagens da Terra, divulgadas pela Agência Espacial Europeia. Nelas nosso planeta aparece disforme e desengonçado. Como se fosse fruto de um Deus com boas ideias, mas com nenhuma paciência para executá-las. Um retrato bem distante da forma arredondada que está no nosso imaginário. As imagens mostram em detalhes o chamado geóide, nome que os cientistas dão ao formato real do planeta, que é irregular e com a massa distribuída de maneira desigual.

Foi um golpe duro para nós, terráqueos. Copérnico já tinha melado nosso sonho de grandeza, de senhores do universo ao dizer que não era o Sol que girava em torno da Terra, mas sim o contrário. Tenho certeza de que uma das principais consequências da teoria do heliocentrismo foi a descoberta do Prozac.

Na era da informação, dados de toda as naturezas se cruzam e nos revelam verdades que minam a nossa autoidealização. Você lê, por exemplo, um livro como *Freaknomics*, do economista Steven Levitt e do jornalista Stephen J. Dubner, e entra em contato com a tese de que o que diminuiu a criminalidade de Nova York na década de 90 não foi a engenhosidade de um grupo de administradores. Os autores defendem que foi o aborto o grande responsável pela pacificação da metrópole. A relação de causa e efeito não foi intencional.

Quer mais? O Projeto Genoma nos mostrou que em vez dos 100 mil genes imaginados, o homem tem apenas 30 mil, número idêntico ao de um pé de milho. Ou seja, estamos muito próximos da pamonha, pamonha...

O WikiLeaks é outro que contribuiu para nossa descrença no talento humano. Ele escancarou que os homens e as mulheres que comandam a diplomacia americana, a CIA e o FBI não são aquilo que víamos nos filmes. Se soubéssemos disso antes, não teríamos acelerado tanto a corrida espacial.

A abundância de dados afeta também nossa estima no plano individual. O iTunes, por exemplo, mostra que você tem escutado, comprovadamente, mais Exaltasamba do que Miles Davis. Você gosta de pensar que é um amante de jazz, mas a contabilidade prova que sua alma é pagodeira.

Tenho a consciência tranquila. Eu fiz minha parte, tentei manter a poesia. Mesmo estando no interior de uma cápsula apertadíssima, temendo por minha vida, já que tripulava

uma nave construída pelo mesmo país que criou o Lada Niva, fui capaz de dizer a simples, óbvia e inspiradora frase que me notabilizou: “A Terra é azul”.

Mas não adianta querer mudar o curso dessa órbita. Uma enxurrada de novas revelações seguirá golpeando com violência nossas ilusões. E como resposta a tudo isso, aumentaremos, ainda mais, o número de comédias românticas nas salas de cinema.

## ANEXO C – BLOG DO ORWELL

### Isso aí, meu irmão

Por uma coincidência incrível, dois programas de grande audiência da tevê brasileira tem relação com minha obra literária. Estou falando, obviamente, do Big Brother, inspirado no livro 1984 e do A Fazenda, que lembra muito meu outro livro, Revolução dos Bichos. Só que nesse segundo caso, o dono da fazenda é pastor e os porcos são representados por antas.

Quero dizer que não acredito que os programas de tevê precisem ter conteúdo edificante ou que tenham de colaborar com a formação cultural das plateias. Tevê, em especial, é feita pra divertir. Quer cultura? Então vai pra biblioteca e leia em silêncio, por favor. Gosto de Big Brother e tenho muito orgulho de ter escrito 1984, livro que inspirou e deu origem ao nome do programa. Adoro paredão e sou daqueles que gastam todos os créditos do pré-pago para participar das votações de eliminação.

E digo mais. O programa é até respeitoso com 1984. Vejamos isso nos pormenores. No livro, o Estado mantinha o controle do pensamento dos cidadãos através de vários meios, entre eles, a manipulação da língua. Para tanto, os especialistas do Ministério da Verdade criam a novilíngua, uma outra língua ainda em construção que, quando estivesse completa, impediria a expressão de qualquer opinião divergente do regime.

De certa forma isso acontece no BBB. Os participantes falam uma outra espécie de português que os impede de expressar qualquer coisa. Já reparou como uma das funções do Bial é traduzir os participantes?

Basicamente, em 1984, eu mostrava como uma sociedade oligárquica e coletivista é capaz de reprimir qualquer um que se opuser a ela. O personagem principal, Winston Smith, um homem com uma vida insignificante, só que sem um corpo esculpido na academia, recebe a tarefa de perpetuar a propaganda do regime.

No BBB também temos personagens com vidas insignificantes. A sociedade brasileira continua oligárquica. O coletivista fica por conta da audiência e das redes sociais. E cada participante é um divulgador do regime. Do capitalista e das baixas calorias.

Bom, um pouco de adaptação toda obra tem de sofrer quando muda de plataforma. Mas quer mais reverência a 1984 do que isso?